

APONTAMENTOS SOBRE O LIVRO “WELCOMING SPIRIT HOME” DE SOBONFU SOMÉ: ESPÍRITO, COMUNIDADE E NASCIMENTO FORTALECENDO A PRETAGOGIA

Sandra Haydée Petit¹

Resumo: No Brasil, pelos efeitos da colonialidade do ser e do pensar, ainda desconhecemos e desvalorizamos os povos indígenas e os povos africanos que compõem junto com os descendentes de europeus a própria brasilidade e mesmo com o marco legal conquistado pouco sabemos sobre as duas matrizes culturais não brancas. Na contramão dessa inequidade racial que caracteriza os currículos escolares e universitários, hoje muitos núcleos de estudo afro-brasileiros se dedicam a construir dispositivos pedagógicos afrorreferenciados ou afrocêntricos. No nosso caso optamos por trabalhar com o referencial teórico-metodológico chamado Pretagogia. Particularmente, tenho procurado compreender e sistematizar os valores da cosmopercepção africana que podem servir de base para as pedagogias afrorreferenciadas como a Pretagogia. Nesse artigo busco refletir sobre o senso comunitário da filósofa Sobonfu Somé em dois capítulos do livro *Welcoming Spirit Home* e como as diversas práticas comunitárias da etnia Dagara podem inspirar a elaboração de conceitos operatórios pretagógicos. Para tanto, mostro primeiro uma grande diversidade de rituais e costumes que fortalecem a espiritualidade Dagara através da comunidade e da importância dada ao nascimento das crianças. Em seguida, apresento brevemente a Pretagogia e por último trago as categorias que convergem no referencial Dagara e na Pretagogia apesar das diferenças de contexto.

Palavras-chave: conceito e prática de comunidade, processo de nascimento das crianças, pretagogia.

APUNTES SOBRE EL LIBRO DE SOBONFU SOMÉ “ACOGIENDO EL ESPÍRITU A CASA” : ESPÍRITU, COMUNIDAD Y NACIMIENTO FORTALECIENDO LA PRETAGOGÍA

En Brasil, por los efectos de la colonialidad del ser y del pensar, aún desconocemos y desvalorizamos a los pueblos indígenas y a los pueblos africanos que, junto a los descendientes de europeos, conforman la brasilidad misma, y aun con el marco legal logrado, poco sabemos de las dos matrices culturales no brancas. Contrariamente a esta inequidad racial que caracteriza los currículos escolares y universitarios, hoy muchos centros de estudios afrobrasileños se dedican a construir dispositivos pedagógicos afrorreferenciados o afrocéntricos. En nuestro caso, optamos por trabajar con el marco teórico-metodológico denominado Pretagogía. Particularmente, he buscado comprender y sistematizar los valores de la cosmopercepción africana que pueden servir de base para pedagogías afrorreferenciadas como la Pretagogía. En este artículo busco reflexionar sobre el sentido de comunidad de la filósofa Sobonfu Somé en dos capítulos del libro *Acogiendo al espíritu de casa* y cómo las diversas prácticas comunitarias de la etnia Dagara pueden inspirar la elaboración de conceptos operativos pretagógicos. Para ello, primero muestro una gran diversidad de rituales y costumbres que fortalecen la espiritualidad Dagara a través de la comunidad y la importancia que le dan al nacimiento de los niños. Luego presento brevemente la Pretagogía. Por fin, traigo las categorías que convergen en las referencias de Dagara y Pretagogía a pesar de las diferencias de contexto.

Palabras claves: concepto y práctica de comunidad, proceso de nacimiento de los niños, pretagogia

¹ Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Ciências da Educação pela Paris 8. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará- FAGED-UFC, atua na graduação e pós-graduação. E-mail para contato: novanegapetit@gmail.com

Pontos de partida: contexto e surgimento dessa pesquisa

No Brasil, pelos efeitos da colonialidade do ser e pensar resultantes das tremendas violências que fundaram o país – genocídios de milhões de integrantes dos povos originários bem como sequestro e escravização de outros milhões de africanos - vivemos um brutal apagamento dos legados histórico, filosófico e tecnológico-científico das referidas matrizes culturais. Decerto, os legados da Oceania e da Ásia também nos são desconhecidos. No entanto, é inegavelmente mais grave e lamentável desconhecermos e desvalorizarmos os povos indígenas e os povos africanos que juntos com os europeus formam a própria brasilidade. Como a denominação já sugere, os povos originários, estavam no território brasileiro milhares de anos antes da invasão europeia sendo assim seus legítimos ancestrais, mas pouco estudamos a história pregressa das populações indígenas que foram dizimadas e ainda abordamos de modo insuficiente as culturas, ciências e histórias dos mais de 300 povos atuais que sobreviveram aos massacres históricas e que são a memória viva e atuante das e dos ancestrais dessa terra. Mesmo com o respaldo da Constituição, o marco legal decorrente e a lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade de conteúdo dos povos indígenas, nos currículos escolares, a maioria dos estabelecimentos dedicam ainda pouco espaço aos aportes indígenas.

Já no que diz respeito à população negra que no Brasil representa 56% da população, portanto maioria, o que estudamos da sua herança é totalmente desproporcional ao tamanho das suas construções na sociedade brasileira, até porque sua história não inicia nesse território. A África é reconhecidamente o berço da humanidade, conseqüentemente a sua história é a mais antiga no planeta, assim os afrodescendentes possuem uma ascendência muito anterior ao período escravagista, o que exige conhecimentos sobre as numerosas civilizações que constituíram sua bagagem atual. No entanto, o que se instalou nas escolas e no sistema universitário do Brasil é uma concepção unilateral que constrói uma hegemonia ocidental eurocentrada com pretensão de universalidade e que desconsidera boa parte das heranças das outras duas matrizes culturais fundantes do Brasil.

Como um crescente número de pessoas que buscam a implementação da lei 10.639/2003 (instituiu a obrigatoriedade de conteúdos afro nos currículos) criando dispositivos, conceitos e pensamento afrorreferenciado ou afrocentrado, tenho me dedicado a trazer para dentro das práticas didático-pedagógicas das escolas e universidades modos de afrorreferenciar esses currículos tão culturalmente unilaterais. Nessa caminhada, entrei em contato primeiro com a linda experiência da maravilhosa Egbomi e Professora Vanda Machado com Prosa Nagô (2017), mais tarde seu projeto educacional Irê Ayó (2019) que coordenou durante muitos anos numa escola municipal que funcionava no terreiro da grande Iyalorixá Mãe Stella de Oxóssi. Por conhecê-la pessoalmente, mesmo sem visitar a escola que trabalhava, ela exerceu e ainda exerce uma grande influência sobre meu próprio trabalho pedagógico, pelo qual sou extremamente grata. Mãe Stella com o livro Meu Tempo é agora (2010) foi uma referência bibliográfica importante para entender a cosmopercepção africana e suas formas de educação iniciática no candomblé Kétu. Outra influência significativa, também de leitura, foi a experiência de Marco Aurélio Luz com Mestre Didi (2007) narrada no livro O Rei nasce aqui – obá Biyi, também ligada a terreiro e realizada com crianças.

Dentre várias possibilidades tenho trilhado o caminho da Pretagogia que objetiva trazer subsídios filosóficos e ético-estéticos para a participação efetiva das africanidades nos currículos, sobretudo na educação básica, conforme a conquistada lei 10.639/2003 que com seus vinte anos de existência e suas decorrentes Diretrizes Nacionais, nos conclama para a nossa (re)conciliação com a história e cultura africana e afro-brasileira e também as afrodiaspóricas.

Particularmente, tenho procurado compreender e sistematizar os valores da cosmopercepção africana que perpassam as diversas pedagogias afrorreferenciadas que pude conhecer. Para tanto, tenho estudado tanto referências culturais e experiências pedagógicas brasileiras como africanas. Em pesquisa mais recente chamada “O Ouro dos sete novelos: eventos tabanka, tesouros da oralidade para a (re)criação de uma educação afrocomunitária,” revisitei fortes inspirações como os acima já mencionados, escritos e registros de Makota Valdina Pinto como Meu Caminhar, meu Viver (2013), a Professora e Rainha de Nossa Senhora dos Mercês, Leda Maria Martins com Performances do tempo

espiralar (2021), dentro outras mulheres negras que consideramos precursoras fundamentais. Mas tenho também buscado inspirações propriamente africanas como as Mandjuandadi de Odete Semedo (2010) e Sobonfu Somé (1999) que apresento a seguir. Nem sempre escreveram especificamente sobre educação ou escola, mas todas nos oferecem subsídios teóricos relativos a cosmopercepção africana, às oralidades e sua relação com os processos de iniciação que são também formas de educação. No âmbito do presente texto irei mostrar alguns aspectos de uma obra ainda não traduzida de Sobonfu Somé que me chamou muito a atenção por trazer importante contribuição à dimensão espiritual da educação, a saber “Welcoming Spirit Home – ancient african teachings to celebrate children and community” (antigos ensinamentos africanos para celebrar criança e comunidade, de 1999). Na primeira parte desse artigo trago um recorte dessa obra magnífica, essencialmente em citação e narrativa indireta. Graças ao meu conhecimento da língua inglesa, resumo aqui alguns de seus propósitos em dois subtemas, comunidade e nascimento. Já na última parte desse estudo faço algumas considerações sobre como os ensinamentos de Sobonfu Somé podem auxiliar na elaboração teórica de conceitos operatórios que inspirem práticas pedagógicas concretas que ultrapassem a dimensão meramente cognitiva, produzindo um senso afro comunitário que potencializa a compreensão da cosmopercepção africana e fortaleça espiritualmente as pessoas em formação, quer sejam educandas/os ou docentes e independentemente do credo que professem ou não. Se o objetivo da minha pesquisa era buscar sistematizar a noção de senso afrocomunitário através de várias autorias, nesse artigo me limito a perguntar: pode o referido livro fortalecer a elaboração em curso de conceitos operatórios pretagógicos? Favor seguir-me!

Abertura do livro “Welcoming Spirit Home” de Sobonfu Somé

Sobonfu Somé, natural do país Burkina Faso, na Costa Oeste africana, teve uma vida relativamente curta (48 anos) mas intensa como educadora e divulgadora da cultura da aldeia da etnia Dagara, seu nascedouro. Fez jus ao seu nome que significa guardiã dos rituais, ou guardiã do conhecimento. Ela publicou cinco livros* mas só “o Espírito da Intimidade” de 2003 foi traduzido ao português até agora.

Nas primeiras palavras do livro que estamos tratando, ela apresenta uma dedicação a todas as crianças ao redor do mundo e faz votos que sempre carreguem as divinas bênçãos que recebem, que “a vida lhes permita cumprir o propósito de toda criança que é enriquecer e curar as vidas das e dos adultos”. Sobonfu termina essa entrada fazendo uma invocação “que nesse mundo as crianças encontrem um forte alicerce e uma fonte de empoderamento”.

Agradece

a todas as mães e todos os pais que a cuidaram, também avós e avôs, aos ancestrais (que partiram antes de mim) , minhas irmãs, sobrinhas, sobrinhos e todas as crianças da minha vida. Todos me ensinaram como amar e ser amada. Me fizeram a pessoa que sou hoje. Meu coração permanece para sempre com vocês” (1999, p.XV).

Na introdução Sobonfu reforça a importância dos nomes, explicitando que Burkina Faso significa a terra dos orgulhosos ancestrais. Reconhece que é um país considerado pobre. Mas culturalmente e espiritualmente não cabe esse termo pois a prosperidade não se mede materialmente, e sim pelo senso de comunidade e espiritualidade. Muita busca material mata o espírito: afinal, para que possuir tanta coisa?

What the people do not see, however, is the spiritual richness amidst the poverty. It is this spiritual unity and the simplicity of life that help people to live in an healthy and happy way. Wealth is not determined by how much we have in our bank accounts but by how many people we have around us and how *much* our spirit, soul and heart we have to offer (p.20).

Na aldeia as pessoas vivem muito próximo à natureza e ritualizam todos os momentos significativos. O ritual cria senso comunitário. O ritual é indispensável à vida em comunidade. O modo de vida é coletivo, as famílias se juntam em grandes casas de taipa por dezenas e vivem mais do lado externo do que dentro, adentram a casa principalmente para dormir, o resto é no pátio ou na frente. Se consideram sempre na fronteira entre o mundo humano e o mundo espiritual. Fazem uso de cinco elementos nos seus rituais, o fogo, a água, a terra, os minerais e a natureza. Realizam rituais de oferenda, de cura, agradecimento e de visibilização ou materialização do espírito. É dessa forma que buscam senso de unidade, paz, auto aceitação, e aceitação dos outros/das outras. Cada ritual tem uma intencionalidade explícita e não admite espectador, e sim participante ativo/a. Comumente participam crianças e pessoas mais velhas junto com as demais pessoas sempre em interconexão entre si e o espírito.

O papel da comunidade

Toda casa tem que ter um santuário onde acontecem saudações, curas, rituais com objetos simbólicos correspondentes. A vida da comunidade é baseada no espírito, é essa relação que gera paz, bem estar, benção, pertencimento. O espírito está presente na relação interpessoal e coletiva que é de total confiança, algo bem diferente do que acontece no Ocidente, onde frequentemente reinam desconfiança e traição entre as pessoas. O poder que emana na comunidade é da e para a comunidade, envolvendo também os e as ancestrais. A comunidade forma um corpo constituído pelo diverso, mas unido por objetivos comuns, onde todas e todos recebem ajuda para encontrar seus dons, seu ser, sua natureza. Todo o mundo é importante na comunidade e todo o mundo possui dádivas que devem ser potencializadas. O principal objetivo de uma comunidade é que cada pessoa seja escutada e dada as dádivas que trouxe ao mundo. Para isso acontecer, a comunidade há de cultivar muita paciência.

No dia a dia a comunidade não exige presença física imediata de todas as pessoas, mas é indispensável se reunir para momentos considerados fundamentais. Podemos estar sós em auto-meditação, mas sempre fisicamente junto com outras pessoas, cada um/a na sua. Buscar solidão pura é estranho e preocupante pois indica falha da comunidade que não conseguiu integrar todos os membros. O tempo é flexível, elástico. Presença no tempo presente é o que conta. O tempo depende do espírito. Envolve conexão com os demais seres como rios, terra, montanha, árvore, rocha.

A hospitalidade é um princípio importante nas relações. A saudação matutina acontece do lado de fora da casa e é dirigida primeiro ao sol, os pássaros, terra e natureza. Em seguida às pessoas e vizinhos, onde indagamos como está de saúde e como dormiu. Não há líder todo poderoso. A responsabilidade é de todos. Os conflitos se resolvem em coletividade. O importante é como a comunidade trata os conflitos. Como os seres humanos não são sempre imparciais e justos, é necessário em certos conflitos que se consultem os ancestrais. Por ocasião de um crime, por exemplo, o adivinho é consultado para fazer uma comunicação mais profunda com os ancestrais, mas não pode castigar. É dada especial atenção às crianças. Também aos mais velhos e às mais velhas. As crianças são espíritos

até uns 5 anos de idade (por isso são cura) depois vão se transformando aos poucos em seres humanos. A intergeracionalidade é princípio e prática de cura.

O que é nascimento e como se trata

Nossa vida começa antes da concepção e não cessa depois da morte. Só estamos nessa terra porque determinadas forças espirituais assim desejaram. Muitas das nossas escolhas já foram induzidas pelas ancestrais. Nosso tempo na terra é para cumprir nosso propósito sob influência das e dos ancestrais e para potencializar nossos dons e dádivas. Todo nascimento é bem-vindo pela Ancestralidade, espíritos e comunidade ficam em estado de agradecimento por cada novo ser humano. Gravidez é algo levado muito a sério porque criança significa presença física do espírito. Por isso acredita-se que não podemos melhorar o mundo se não cuidamos bem das crianças. Crianças maltratadas durante a gravidez e depois acumulam feridas, que vão se perpetuar e também serem repassadas para as futuras gerações. Daí é importante nos curar em vida das feridas através dos rituais e cuidados.

Para entender o valor de cada nascimento e conseqüentemente, de cada ser humano, é preciso praticar e entender o valor dos rituais de preparação e boas vindas que são realizados pelo casal junto com membros da comunidade para que essa vida nova receba todas suas dádivas e possa participar da cura que cada criança engendra, vejamos:

Ritual de cura: Se faz já quando o casal se propõe a ter filhos. A mulher que quer engravidar presenteia outra mulher com algo que valoriza, como um pano. O homem oferece sementes a uma pessoa de idade. No final oferecem uma comida.

Ritual de limpeza do casal: Se desenha um círculo de cinza, simbolizando renovação. O casal fica de costas um para o outro, com as colunas vertebrais em contato. Invoca-se o espírito. O casal pronuncia bem alto suas frustrações, dirigindo-se ao espírito. A medida que falam alto, o sofrimento se manifesta cada vez mais até explodir. Isso provoca alívio e relaxamento. Então se viram frente a frente e alcançam a reconciliação. Por fim, jogam água um no outro jogando fora os temores e fortalecendo seu vínculo.

Ritual de limpeza do útero: Com penas de galinha e folhas de árvore o corpo da mulher é protegido de energias negativas que são passadas pelo corpo todo com gestos simbólicos que retiram o que precisa ser levado embora.

Rituais de fertilidade: esses rituais reconhecem nossa divindade, as energias divinas que nos atravessam. É o momento da gravidez espiritual onde a mulher do casal ainda não engravidou fisicamente. Acontece no santuário e também numa caverna. A moça é apresentada às quatro direções. São colocados os símbolos dos elementos e do útero como ovos, sementes, para a nova vida. Realiza-se uma reza de entrada. A parteira explica o significado da reza. Passam-se os ovos por cima da moça. A moça se exclama com reza de mulher ainda não grávida. O homem também participa.

Ritual de introdução à comunidade: Já grávida, a mulher apresenta o novo ser por vir que é celebrado. Há de se pensar que o útero é a primeira casa do ser vivo e que um parto é o surgimento de um VIP (= very important person) que vai realizar um trabalho que trará muita bondade ao mundo: “We must celebrate this arrival and make it known to our community” (p.51) (Trad: “Temos que celebrar essa chegada e anuncia-la a nossa comunidade”). Assim a grávida precisa ser muito bem tratada e cuidada. O santuário da casa que é um lugar de conexão, é decorado, a aldeia canta, após reza de abertura das mais velhas. A mulher é levada para um chuveiro para se limpar e ser vestida. Cada pessoa saúda a criança na barriga da grávida, beija-se a barriga, cantam de novo. Os avós levam os objetos simbólicos para o santuário. Os futuros pais fazem seus pedidos. Depois o casal oferece uma grande refeição para todas as crianças da comunidade comerem, pois estará nascendo em nove meses mais uma irmã ou um irmão. A seguir, todos os dias a mulher grávida conversa e faz conexão espiritual com a criança. Se ela chora nos rituais é porque sente as emoções dela.

Ritual de escuta: alguns meses antes da criança nascer, a levam para o santuário da casa, a colocam numa cama de barro com pedras em volta. Em seguida rezam todos. Em cada direção dos pontos cardais fica um patriarca guardião ou matriarca guardiã. É usada manteiga de karité na mulher grávida. A moça entra em transe e a criança revela seu propósito a comunidade através da fala da futura mãe incorporada. Outros detalhes a

respeito dessa nova alma são ditos tais como qual comida, cor ou tecido que poderão potencializar, ou, ao contrário, diminuir as dádivas da futura criança. Elementos que permitem compreender qual será seu nome poderão ser colocados pela futura mãe, mas sem ainda ser revelado publicamente pois tudo isso será checado pelas senhoras mais velhas nos próximos rituais para confirmação ou não.

Ritual de parto: Cada moça grávida escolhe sua parteira particular. A parteira escolhida a prepara com rezas e invocações a todas as parteiras ancestrais. Só o comitê de matriarcas parteiras participa do parto. O parto acontece em cadeira especial fabricada para esse fim, levando a mulher em parto a realizar movimentos para baixo, todas acompanham reproduzindo juntos/as os gestos para baixo enquanto entoam canções. Ao nascer, a criança é colocada por cima da barriga da mãe, sendo reservado um pouco do sangue da criança para ser guardado no santuário. É dado o grito de boas-vindas ao ouvir o grito inaugural da criança que ela dirige aos ancestrais. É de fundamental importância para o povo Dagara que o grito seja amplamente correspondido da mesma forma que a criança emitiu pelas pessoas presentes, o contrário deixaria graves sequelas na vida da criança que não se sentirá bem vinda para cumprir seu propósito, carregando para sempre essa ferida. Nesse momento a primeira pessoa a carregar a criança recém nascida e necessariamente outra criança pequena pois acredita-se que essa guarda ainda lembranças de seu próprio nascimento. As demais pessoas se colocarão em círculo em torno dela.

Ritual da placenta: esse ritual tem importância para o resto da vida, pois a placenta será revisitada em vários momentos especialmente importantes, algumas pessoas viajarão longe até o lugar onde foi enterrada a placenta e lá realizarão rituais para se reconectar com a criança que foi e suas memórias antigas, inclusive com as vulnerabilidades que pode ter sofrido, para garantir se curar delas. Esse ritual acontece ajudando a mãe a retirar a placenta sempre acompanhada de rezas e movimentos de massagem. A placenta é guardada num pote de barro. O bebê é passado por cima do pote de barro três ou quatro vezes. Em seguida coloca-se uma água fervida com plantas e se massageia a mãe. A mãe é dada um banho de folhas junto com seu bebê, enquanto se pronunciam agradecimentos. Realiza-se então o ritual de colocação e enterro da placenta pelas mãos dos avós, das

senhoras mais velhas e as parteiras da comunidade. Se cava um buraco, para plantar a muda de uma árvore. São feitos agradecimentos à placenta por ter acompanhado a criança todo esse tempo na casa útero, o pote da placenta é abençoado e oferecido aos ancestrais. A mãe e a criança prestam tributo à placenta, lavando seus pés no buraco cavado que irá receber o pote de placenta. As senhoras mais velhas colocam terra suficiente no buraco para plantar a muda de árvore que será cuidada pelos adultos até a criança poder cuidar. Como dissemos, essa árvore será consultada em momentos cruciais. Pode-se dizer que acontece um casamento da criança com sua árvore.

Ritual do nome: A criança que nasce espírito precisa ganhar o nome certo para não ser prejudicada na vida. Esse nome mantém o laço ancestral, é seu suporte. A criança ganha o primeiro nome que representa seu propósito e um segundo relativo ao seu animal totem. Quando a criança nasceu as mulheres que a trouxeram à vida fizeram um pacto de manutenção de laço com os ancestrais que deverá sempre ser respeitado. O ritual do nome é considerado o segundo ritual de introdução ao mundo e nele se faz a libação, quando pela primeira vez as senhoras irão pronunciar em voz alta seu nome para conexão com a Ancestralidade. A criança é dada para as avós e os avôs a carregarem apresentando-a às 4 direções, pedindo proteção, força e cuidado e que cumpra sua missão. Após o nome ser pronunciado em voz alta toda a comunidade pode sussurrar o primeiro nome no ouvido da criança. Já o segundo nome relativo ao animal de proteção é mantido em silêncio e pronunciado durante a vida somente em momentos cruciais, não sendo comunicado ao público em geral.

A Pretagogia e seus conceitos operatórios

Nessa parte final do texto interessa trazer um cruzamento entre o que foi revelado do texto da mestra Sobonfu Somé e o que elaboramos enquanto reflexão conceitual durante a nossa pesquisa O Ouro dos sete novelos. Mas antes cabe apresentar brevemente de que se trata a Pretagogia, que escolhemos aqui como exemplo de pedagogia afrorreferenciada. Denomina-se Pretagogia a abordagem teórico-metodológica que parte de referências das filosofias que atravessam as tradições africanas e afrodiáspóricas, para propor uma

pedagogia que bebe na fonte africana, mas atualiza seus princípios nas culturas afro-brasileiras e afrodiáspóricas, a partir dos seguintes fundamentos:

- 1) o autorreconhecimento afrodescendente
- 2) a tradição oral africana
- 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana
- 4) a circularidade
- 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos
- 6) o reconhecimento da sacralidade
- 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes
- 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído
- 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro.

Algumas bases teóricas: Bâ (1982), Munanga (2009), Sodré (1988; 2012), Cunha (2007), Lopes (2004; 2006), Oliveira (2006; 2007), Oliveira (2013) Silva (2013), Cruz (2011), Meijer (2012), Videira (2010), Lima (1998), Luz (1998), Machado (2017), Somé (2003), Bernat (2013) dentre muitas outras e outros.

A Pretagogia destaca a riqueza da nossa oralidade africana, que representa um modo de ser, estar e produzir no mundo. A oralidade envolve todas as ciências e formas de saberes que têm o corpo como fonte primeira de conhecimento e de produ o de artefatos e conceitos. Dessa forma os saberes/conhecimentos gingham entre si e produzem novas práticas, num fluxo constante, enlaçadas pela circularidade. A ancestralidade, o corpo fonte e produtor de conhecimento, a integra o da espiritualidade, princípios da cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2011), guiam as a o es pretag gicas bem como o respeito   senhoridade, a valoriza o dos saberes da oralidade, particularmente a literatura oral com os ensinamentos que perpassam a mitologia, as letras cantadas, as expressões teatrais, as danças e diversas formas do corpo-texto (CRUZ, 2008). A Pretagogia recorre bastante   literatura oral nas suas práticas didático pedagógicas. Para a estudiosa Finnegan (1976), a palavra que interessa a literatura oral inclui, além de todas as formas de literatura que são apresentadas verbalmente, a dança, a música, as dramatiza o es e o tambor. Todas essas linguagens são perpassadas pela performance, com voz, canto, expressão facial,

expressividade, gestualidade e ritmo. Essas formas de expressão são atravessadas pela espiritualidade. Existem outras formas de literatura, se considerarmos que produzem outros textos, transmitindo mensagens e realizadas de forma iniciática, mas que não têm uma forma verbalizada de acontecer, como os ideogramas chamados adinkras, da etnia akan em Gana e toda uma cultura de “fala” mediante estamparia, repleta de simbologias e permeada de espiritualidade, relacionada com religiosidades tradicionais africanas.

O conceito de produção didática trabalhada pela Pretagogia é um desdobramento dos princípios da cosmo percepção africana, notadamente pela ênfase na experiência e construção epistemológica a partir do corpo. No entanto, essa ênfase no corpo, não impede serem usados recursos tecnológicos como datashow, computador, filmadora e outros equipamentos, apenas não se limita aos gêneros acadêmicos, incluindo também literatura ficcional, paradidáticos, letras de músicas, e todos os gêneros de literatura oral. Para fundamentar a sua prática a Pretagogia vem propondo quatro agrupamentos de categorias que denomina de conceitos operatórios – Ancestralidade, Pertencimento, Espiritualidade e Transversalidade que se desdobram cada um em diferentes aspectos como pode ser apreendido no quadro abaixo.

FIGURA 1 - CONCEITOS OPERATÓRIOS DA PRETAGOGIA

<p>Ancestralidade/ Processos iniciáticos</p>	<p>-Linhagem (ns:) biológica(s) com agregados/as, e seres sob diversas formas (do Òrun, da galáxia, natureza, mundo mineral, símbolos de sacralidade); linhagens simbólicas como as linhagens de ofício, do terreiro, da capoeira, relações de compadrio, pessoas referências da comunidade, da família - temporalidade circular - simbologia - ritual - educação iniciática - Corpo Memória</p>
<p>Pertencimento</p>	<p>-Vivências – interação – empatia – informações- práticas de conexão - práticas corporais, práticas artístico-culturais, autobiografia (enraizamento), autoimagem, biografia comunitária, simbologia do nome, ou apelido senso de destino/propósito – objetos símbolos de mim</p>
<p>Espiritualidade</p>	<p>-Relação com o cosmos (somos o cosmo) – troca/cosmoconexão/tudo em tudo, todos em todos/roda (todos cabem) /incorporação de seres/energias e elementos/importância da natureza/senso de comunidade cósmica</p> <p>-Sacralidade do Corpo, do Movimento (Movimentações das energias sacralizadas/ancestrais/magia/mandinga)</p> <p>-Falas da Oralidade (todas as formas de comunicação do corpo, inclusive semióticas, também o silêncio)</p>

	<p>-Respeito (Honrar a si, às outras/aos outros, às energias, aos ensinamentos, Senhoridade, Senso de Responsabilidade/Compromisso - sobretudo perante a comunidade;</p> <p>-Hospitalidade/receptividade/integração do outro e da outra como renovação/ressignificação//valorização da interação/intergeracionalidade/afetividade/convivência/’proxi-midade</p> <p>-Ofrenda: o aceitar/aprender a dar e também receber como agradecimento/dádiva/potência/reenergização/solidariedades/senso de coletividade/retroalimentação-</p> <p>-Corpo-Dança Afroancestral (Dança como comunicação com o Divino/o movimento essência/ movimento dádiva)</p> <p>-Cuidado (consigo e com o outro afetividade/práticas de cura)</p>
<p>Transversalidade</p>	<p>- Perpassa várias áreas de conhecimento sem fragmentação, fluído</p> <p>- Admite e promove diversidade de linguagens/tecnologias: do corpo, da literatura oral, das oralidades em geral, pode dialogar com o virtual e o eletrônico, mas não isola essas dimensões das éticas e estéticas afroancestrais</p> <p>- Constrói o conhecimento de modo mais circular do que linear, com muitas aberturas e possibilidades de compreensão</p> <p>- Transita nas coisas da vida, como na expressão “capoeira na roda, capoeira na vida” (com gingas, esquivas, singularidade, astúcia e agilidade, enfrentando e admitindo o amigável, o conflituoso, a imprevisibilidade, sempre na conversa com os seres e os elementos)</p> <p>- Realiza alacridade: investindo com intensidade no fomento da potência da alegria, da festa, do júbilo, levando a sério a alegria, com dedicação, força vital, ludicidade.</p>

FONTE: AUTORA, 2020

Considerações finais: aportes de Sobonfu Somé na dimensão da Espiritualidade que fazem ressonância na Pretagogia

Para concluir vamos perceber onde as ideias confluem mais, a partir da riquíssima fonte que encontramos nesses dois capítulos do livro Welcoming Spirit Home (podem imaginar como seria tratar dos outros três capítulos! Ou ainda, dos outros livros dela!). Sintetizamos com palavras chave que falam por si:

Para Ancestralidade destacamos: Ritual – tempo flexível – conexão com os e as ancestrais – vida inicia com vontade das/dos ancestrais – invocação às parteiras ancestrais– convocação das avós e dos avôs - chamado às mães parteiras – chamado as matriarcas mais velhas – chamado aos patriarcas mais velhos – nome de conexão – libação para conectar com ancestrais

Para Pertencimento frisamos: autoaceitação – aceitação do outro e da outra – simbologias e objetos de si: círculo de cinzas, sangue do parto reservado, água de limpeza espiritual, – ovos da fertilidade e limpeza, sementes da fertilidade, pote de placenta, árvore da pessoa, a pessoa VIP, a manteiga de karité, o nome do animal totem

Para Espiritualidade, obviamente temos muita coisa a enfatizar: o Espírito – senso comunitário – cosmos – os cinco elementos – oferenda – cura coletiva – aceitação dos outros e das outras – comunidade – confiança – o corpo diverso – as dádivas – escuta – conexão com as demais pessoas da comunidade – incorporação pelas crianças pequenas de criança recém nascida – a criança é espírito – hospitalidade – responsabilidade pelo coletivo – intergeracionalidade – prática de cura – gravidez é primeiro espiritual – cuidado como valor – importância das boas vindas para esse mundo – cantos, rezas, danças-movimentos de apoio reproduzidos conjuntamente – gestos de força por parte do coletivo – carinho e beijos na barriga – a barriga casa, primeira morada de todos/as nós – o sentir junto – chorar junto – gritar junto – alegrar-se junto – rito de saudação matutina aos seres naturais e humanos – dormiu bem? – introduções coletiva ao mundo – o grito correspondido – o grito inaugural de recém nascida/o – banhos de folha do casal – comida compartilhada – comida comunitária – comida oferenda – tributo a placenta – memória da placenta – lugar sagrado da placenta enterrada – cama de barro

E assim concluímos mesmo sabendo que as africanidades não tem fim e sim continuidade espiralar (Leda Martins!). O tema transversalidade esteve representado por efeito de consequência já que tudo se liga com tudo e não pode como diz Sobonfu Somé, ser dissociado. Só procuramos um modo facilitado de categorizar, mas não há real separação, no máximo alguns aspectos tendencialmente mais destacados. Como em tudo que perpassa a cosmopercepção africana, o encantamento vence todas as adversidades, inclusive para escrever esse trabalho. O agradecimento é pelas energias de solidariedade. Sem dúvida a Ancestralidade apoiou esta iniciativa. Resta-me somente esperar que meu contentamento seja também o seu! Modupé! (não é língua Dagara mas Sobonfu Somé entenderá, lá onde se encontra na sua nova existência).

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté: **A Tradição Viva**. In: ZERBO, J-ICI: História Geral da África. São Paulo: Ed. Ática. 1982. p. 181-218.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

CRUZ, Norval Batista. **Consciência Corporal e Ancestralidade Africana**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

CUNHA JR., Henrique. **Afrodescendência e espaço urbano**. In: CUNHA JR., Henrique & RAMOS, Maria Estela Rocha (Org.). Espaço urbano e afrodescendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FINNEGAN, Ruth. **Oral Literature in Africa**. Dar es Salaam, Ibadan, Nairobi OXFORD University Press: 1976.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MACHADO, Vanda. **Prosa Nagô: educando pela cultura**. Salvador: EDUFBA, 2017

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. Editora 2. Ed. Mazza Editora. Belo Horizonte: 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó. Rio de Janeiro: 2021.

MASULLO, Alessandra S. C. **Na pisada do coco cearense: saberes, lutas e batuques ancestrais e contemporâneos**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses**. 2012. Tese. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana**. 3. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver. 1ª edição. Salvador: SEMPROMI, 2013**

SANTOS, M. Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. **O Rei nasce aqui - Obá Biyi: a**

educação pluricultural africano-brasileira. Salvador: Fala Nagô, 2007

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora**. 2ª edição. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010

SEMEDO, Maria Odete da costa Soares. **As Mandjuandadi**: cantigas de mulheres na Guiné- Bissau da tradição oral à literatura. 2010. Tese. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Claudia de Oliveira da. **Pretagogia e pertencimento afro-quilombola na serra do Juá conectando comunidade, escola e ancestralidade**. Fortaleza: Imprece. 2023.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade** - a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOMÉ, Sobonfu. **Welcoming Spirit Home** – ancient african teachings to celebrate children and community. Novato Califórnia: New World Library, 1999.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do Quilombo de Cria-u em Macapá e sua Educação. 2010. 260f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.